

PERSPECTIVA PARA UMA EDUCAÇÃO DA MULHER EM LIMA BARRETO

Jomar Ricardo da Silva (UEPB)

Maria Arisnete Câmara de Moraes (UFRN)

1. Introdução

Este trabalho tem como objeto de estudo a história da educação da mulher na obra de Lima Barreto. Neste tema foi destacado um período, final do século do século XIX e início do século XX, em razão da divulgação de sua obra, que começou em 1900, com a publicação de crônicas em jornais, até a sua morte em 1922. A escolha de uma época, desenraizada do curso vazio e homogêneo da história, pode se fazer, porque nela se encontra uma vida, em uma vida, uma obra, nesta obra um autor (BENJAMIN, 1999, p. 231; LÖWI, 2005, p.133; BOLLE, 2000, p. 26).

Ao refutarmos a periodização linear da história, reconhecemos, assim como Hobsbawm (1988, p. 19), que o século XIX só chega ao seu final, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Isto porque os acontecimentos que modificaram significativamente os rumos da sociedade européia e em sua conseqüência, da história das sociedades dependentes, em função da expansão do capitalismo, durante o segundo quartel daquele século, só atingiram seu termo em 1914.

De forma específica, o que nos interessa é analisar os mecanismos educacionais imbuídos nos processos sociais, que produzem diferentes papéis, concernentes às relações de gêneros e compreender como as relações de interdependência entre homens e mulheres foram produzidas e reguladas pelas diversas instâncias sociais, como a família, Igreja e Estado.

2. Contextualização do período

A partir de 1870 houve rápidas transformações em decorrência da aplicação do conhecimento científico à produção industrial, no continente europeu. O resultado foi o desenvolvimento da indústria baseado nas descobertas no setor químico e na eletricidade (HOBSBAWM, 1997, p. 70).

Hobsbawm (1988, p. 66) assinala que nesse período o capitalismo se tornou internacional na prática e internacionalista na teoria. Ele assumiu, cada vez mais, características globais, passando por mudanças rápidas e profundas. À medida que estreitava as fronteiras, entre as regiões do mundo, tinha a necessidade de, também, modificar os padrões de vida e de consumo das áreas que eram incorporadas à dominação imperialista.

Foi nesse contexto internacional que se inseriu a sociedade brasileira e especificamente a cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu Afonso Henrique de Lima Barreto, em 1881. Neto de escravos e filho de um tipógrafo e de uma professora primária, ficou órfão materno aos sete anos de idade (BOSI, 1988, p. 357). Posteriormente, numa de suas crônicas, dá a conhecer a consciência étnica e social que tinha de si mesmo: “*Nasci sem dinheiro, mulato e livre*” (BARRETO, 2004 a, p. 271).

Nesse período o Brasil passava por transformações de ordem econômica, política e social. Poucos anos após o seu nascimento estavam sendo proclamada a República (1889) e sancionada a Abolição da escravatura (1888). Estes dois fatores para a historiadora Costa (1987, p.328), são, na verdade, “*sintomas de uma mesma realidade*”; repercussões na esfera institucional das mudanças ocorridas na estrutura do país.

De fato, a abolição, antes de reparar uma injustiça social, veio trazer outros problemas para o grupo social étnico liberado, por dois motivos: o negro não foi incluso na nova ordem social e a propriedade da terra continuou concentrada nas mãos de grandes latifundiários. Estes últimos preferiram a opção de utilizar a mão de obra estrangeira, proveniente da emigração sob os auspícios do Estado, a aproveitar o contingente de ex-escravos, que passou a constituir uma massa de pessoas sem trabalho, moradia e educação (RIBEIRO, 1995, p. 222). Desprovida das condições necessárias à sobrevivência, ocupou os arrabaldes da cidade, erguendo nos morros as favelas, restando-lhes a miséria e marginalidade.

Lima Barreto tinha uma consciência das dificuldades sociais pelas quais passavam os descendentes de negros no país e que o faziam ser discriminado como estudante, funcionário público e escritor. Ela foi adquirida das condições propiciadas pela família, que lhe fornecera leitura e educação escolar.

A partir de 1904 o autor começou a escrever seus romances. São, também, os primeiros anos do regime republicano que foram para as páginas dos seus escritos, seja em forma de ficção ou de crônica jornalística.

Lima Barreto retratou em sua obra a cidade do Rio de Janeiro, com as tensões sociais peculiares ao período dos primeiros vinte anos da República. As suas personagens traziam os mesmos problemas que os membros dessa sociedade vivenciava. Morreu em 1922, ainda jovem, aos 42 anos, em vista a complicações provocadas por excesso de bebida alcoólica, de colapso cardíaco, sem o reconhecimento literário que tanto almejou para si.

3. Referencial teórico-metodológico.

Em tempos denominados pós-modernos, em face da reconhecida crise dos paradigmas (BRANDÃO, 2001), há uma necessidade de pensar o caráter conceitual da prática educativa em sentido ampliado, em seus aspectos informais e não formais, contudo sem intencionar reduzi-lo à totalidade do processo educativo (LIBÂNIO, 2002, p.87).

Nessa mesma perspectiva Brandão (1995,7) conceitua educação como elemento intrínseco ao processo social do qual nenhum indivíduo consegue fugir: *“Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de algum modo ou de muitos todos nós todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação”*. Esta definição indica a abrangência do termo e mostra que a educação se encontra difusa em todos os lugares sociais, em diversos momentos da vida, por se encontrar em certo grau de pluralidade, articulando as dimensões do formal, informal e não-formal.

Desta maneira, esse conceito de educação decorre de complexificação da sociedade e da diversificação das atividades da sociedade, que implica em efeitos sobre a pedagogia, entendida como a prática e teoria da educação. Com isso depreende-se que ela resulta da *“necessidade de disseminação e internalização de saberes e modos de ação (conhecimentos, conceito, habilidade, hábitos, procedimentos, crenças atitudes), levando a práticas pedagógicas”*. A sua realização provém de uma miríade de agentes educativos que podem começar na família, perpassando pela escola ou quaisquer outros onde se faça necessária a intervenção pedagógica (LIBÂNIO, 2002, p.26). Daí a nossa aproximação da modalidade de uma prática educativa denominada informal, porque ela

[...] corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam **conhecimentos, experiências, práticas**, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas (LIBÂNIO, 2002, p.31). (Grifo nosso).

A educação nesse sentido estaria vinculada uma concepção inerente à própria vida e que se refere aos conhecimentos, às experiências, às práticas do indivíduo, não emanados de uma instituição produtora de ensino convencional ou não-convencional, mas disseminados por todo contexto social.

A família é uma das instituições responsáveis, na sociedade, pela reprodução de comportamentos e valores, que exacerbam as diferenças entre os homens e as mulheres,

em detrimento desta última. Muraro (2002, p.227-228) afirma que “*É também na família que as sociedades patriarcal e de classes se articulam no concreto cotidiano das nossas vidas, a cada momento e em cada gesto nosso*”. Por isso, o grau de não-intencionalidade, seja da educação informal ou não formal, é relativo, já que há existência de interesses implícitos em toda atitude aprendida.

Paulo Freire compreendia a educação como uma pluralidade das relações entre o homem e o mundo, a procura de responder aos seus desafios:

[...] na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios. Em que não se esgota num tipo padronizado de resposta. A sua pluralidade não é só em face dos diferentes desafios que partem do seu contexto, mas em face de um mesmo desafio. No jogo constante de suas respostas, altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age. (FREIRE, 1982, p.39-40).

Como um ser de cultura o homem está aberto a múltiplas variedades de respostas, devido a sua condição de criador. Inconformado com sua situação existencial presente, ele aponta para o infinito. Ele está sempre em busca de algo mais que lhe possibilite superar as dificuldades que uma determinada realidade lhe impõe. Na verdade “*seria uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição*” (FREIRE, 1989, p.27-28).

Um outro aspecto representando importante pressuposto a transpassar toda a obra de Paulo Freire, é uma concepção política de educação, em que esta não teria como finalidade o crescimento do homem em si, mas concomitantemente contribuiria para a transformação da sociedade. Ou seja, o homem não relaciona com o mundo com intuito de adaptar-se passivamente, mas de conseguir gerar com sua própria transformação a emergência de uma nova sociedade.

Dialeticamente, o homem e a mulher se transformam com prenúncio de transformar a realidade em que vivem. Homens e mulheres estão em constante devir. No pensamento de Paulo Freire está presente a idéia do ser que se constrói sócio-culturalmente: “*Vim me tornando [...]. Ninguém nasce feito, vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que nos tornamos parte*” (FREIRE, 2001, p. 87-88).

Calado se reporta a essa expressão, afirmando não ser mera coincidência a semelhança com a sentença de Simone Beauvoir, segundo a qual “*mulher não nasce, mulher se torna.*”

Inspirado nesta perspectiva, podemos estender a validade de tal premissa para outras situações. Não apenas para o ser humano, em geral como igualmente para diversas expressões culturais específicas do seu existir. É assim que nas relações

sociais de gênero, a afirmação de Beauvoir ganha vigência não apenas para o pólo feminino, tornando-se conseqüente também dizer que o pólo masculino pode até nascer macho, mas para ser homem, tem que se tornar, ou mais freireanamente dito, tem que ir **se tornando** (grifo do autor). (CALADO, 2001, p.29).

Homens e mulheres apenas vão se tornando, à medida que incorporam conhecimentos, práticas e experiências ao longo das suas existências. Quaisquer que sejam as atividades, dos atos mais simples do nosso cotidiano, até as operações mais complexas, pode-se dizer que são aprendidas “*quando se adquire um habitus, isto é, uma disposição permanente, ou, dito de outra forma, quando o objeto de aprendizagem se converte numa espécie de segunda natureza*” (SAVIANE, 2000, p. 25). Nobeit Elias (1993, p.268), a respeito dos padrões de comportamento, tinha posição semelhante. Esses são “*gravados no indivíduo desde a mais tenra infância como espécie de segunda natureza.*” Segundo ele, para o controle desses padrões serem efetivados, ao longo de um processo histórico, foram decisivos elementos da personalidade: impulsos emocionais equiparam-se aos racionais e os sentimentos, pulsões não são menos importantes que a função do ego.

A introjeção de uma aprendizagem se faz com tanta eficácia no indivíduo, chegando a ser considerada uma segunda natureza. É por isso, que se passa a considerar aos olhos do senso comum, determinados comportamentos e valores como uma realidade naturalizada, algo imanente ao indivíduo. Isto acontece porque a sociedade, através das instituições, impõe uma série de comportamento e valores aos seus membros que os assimilam do meio social que estão inseridos, principalmente a família. Esse processo, para Nobeit Elias, se efetiva pela ação dos pais que impõem aos filhos, através de gestos e palavras, medos, proibições, normas sexuais e necessidade de manutenção da posição social. Dispositivos como esses são “*desde cedo inculcados na criança pelo comportamento dos pais e educadores*” (ELIAS, 1993, p.271).

Para Durkheim (2001, p.52), a existência da própria sociedade é assegurada pelo comportamento apreendido e dotado de uma homogeneidade, “*fixando com antecedência na alma da criança as similitudes essências que a vida coletiva exige.*” Porém, a diversidade é viabilizada pela educação, pois sem ela seria impossível a vida em sociedade. Neste sentido as diversas formas de introjetar normas e valores, concorrem para a conservação da ordem social.

Nesse aspecto, o pensamento de Durkheim difere da concepção de Bourdieu. Este definiu o conceito de **habitus** como sendo a imposição de esquema durável, constituindo em princípio flexível a permitir improvisações reguladas que, em última instância, chega a

conferir à práxis social um espaço de liberdade, embora proveniente das condições objetivas, termina por proporcionar alternativas de transformação social (BOURDIEU, 1998, p.41).

Deste modo, podemos compreender a educação como a forma que uma sociedade dispõe de mecanismos de reprodução, na medida que os indivíduos os internalizam, implicando uma prática de ações rotineiras e na aceitação de valores como naturalizados. Todavia, os indivíduos não são simples reflexo da estrutura social, podendo com seus atos transformá-la. Concernente a polaridade educação-gênero, a educação é o processo que articula o indivíduo e a realidade social com a finalidade de, historicamente, produzir as diferenças entre homens e mulheres.

4. Identificação das fontes

As fontes que serão o foco da nossa análise estão presentes na obra literária, e memorialística e jornalística de Lima Barreto discriminada a seguir:

Clara dos Anjos – É um romance publicado postumamente. A redação original está datada por volta de 1904/05. O enredo conta as desventuras de clara dos Anjos, uma moça pobre e negra do subúrbio carioca, que se apaixona por cassi, um rapaz de extração burguesa.

Triste fim do Policarpo Quaresma – Publicado em 1915, é considerado o mais bem burilado trabalho do escritor. O protagonista, homônimo do título, era um extremoso nacionalista, no sentido de valorizar as potencialidades da nação e querer, através de estudo e ação, soerguê-la ao cume de uma grande potencia mundial; era otimista por perceber aqui, as qualidades de um povo hospitaleiro, cordial, enfim, sem comparação em qualquer lugar do mundo.

Recordações do escrivão Isaías Caminha – Os primeiros capítulos apresenta aspectos autobiográficos de Lima Barreto. Caminha traçou o seu itinerário, partindo de sua cidade natal para o Rio de Janeiro, a procura de uma colocação social obtida através do estudo. Ao chegar ao seu destino começou a entrar em contato com uma realidade desconhecida. Percebe que os indivíduos não galgam posições conforme a competência, mas a partir de elementos tangíveis como a cor da pele, de estratificação como posição social e de capital social como relacionamentos com pessoas influentes.

Cinco mulheres – Foram contos de Lima Barreto, organizados por Daniel Piza (1997). A reunião de textos consta de *Adélia*, *Lívia*, *Cló*, *Clara dos Anjos* e *O número da*

sepultura. Clara dos Anjos encontra-se aqui na versão original, depois tornou-se um romance, analisado anteriormente.

Diário Íntimo – É o registro da memória de Lima Barreto. Nele está contido os fatos que marcaram sua vida, desde a infância, sua relação mais significativa, que se tem conhecimento, com uma mulher aos 26 anos, as fases, tempo e condições da escritura de suas obra literária e a atuação na imprensa.

As crônicas – São as crônicas de Lima Barreto publicada na imprensa durante a vida do escritor. Utilizo a edição *Toda crônica* (2004), em dois volumes, organizada por Beatriz Resende e Raquel Valença. O volume I, com as crônicas de 1890-1919; o volume II com as de 1919-1922.

5. Procedimentos metodológicos

Os procedimentos para se chegar ao ponto determinado, dado as características da pesquisa, obedecem ao método indiciário. Segundo Ginzburg (1989, p.144), desde a segunda metade do século XIX estava posto um paradigma epistemológico no âmbito das ciências humanas. Ele consistia em descobrir a autenticidade de obras de artes, investigando aspectos secundário de um quadro, e menos influenciados pelas características da escola que o autor pertencia como lóbulos da orelha, unhas e dedos das mãos e dos pés.

Ginzburg (1989, p 147) estabelece uma comparação desse método de Morelli, com o da psicanálise e com o que era atribuído a Sherlock Holmes, personagem das histórias criadas por Arthur Conan Doyle¹: “*O conhecedor de arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis para a maioria*” (Wind apud Ginzburg, p.145).

Em se tratando de realizar uma pesquisa na obra de Lima Barreto, o emprego do método indiciário, com o objetivo de esboçar uma concepção de educação para a mulher, demonstra ser mais adequado porque este autor possui de forma fragmentada, noções e idéias, disseminadas no conjunto de sua obra, sobre a condição e a educação da mulher. Ao

¹ Arthur Conan Doyle nasceu na escócia em 1859 numa família de artistas e literatos. Desde cedo apreciou a literatura, mostrando interesse pela obra Edgar Allan Poe. Na universidade em que estudou medicina conheceu Joseph Ball que muito iria lhe influenciar a carreira de escritor, por tratar os doentes através de observações detalhadas das doenças. Na década de 1920 passou a ministrar conferências sobre o espiritismo. Faleceu em 1930.

recolher-se essas proposições isoladas, particulares, almeja-se configurar uma proposta de nível geral.

Para atingir esse desiderato, inicialmente executou-se o recorte dos conteúdos, de algum modo, já realizado quando da seleção das fontes, conformadas nas obras a serem objeto de investigação. Num segundo momento, em relação ao próprio objeto construído e intenções da pesquisa, assinalaram-se as unidades de conteúdo, que, dadas as metas propostas, formaram uma constelação de sentidos. Assim, a designação das unidades de análise seguiu uma ordem temática ou concernente às estruturas gramaticais como orações e frases, expressando termos particulares sobre a educação da mulher.

Esse trabalho de pensamento, com a finalidade de configurar as noções de educação presentes no referido escritor, fez surgir as *categorias históricas* (LOPES: 1994, 21). Conseqüentemente, estas permitiram ao pesquisador responder as argüições realizadas ao seu objeto. O corolário da relação estabelecida entre o investigador versado na arte de inquirir, a criação da problemática e o conhecimento proporcionado sobre o que se almeja conhecer dentro de uma totalidade possível, constitui-se em segmento importante do próprio ato da pesquisa.

Destarte, a ação de escandir na obra os textos selecionados em forma de unidades de análise, procurando agrupá-las em categorias, implica em ir além de instigar a interpretação das fontes, pois açula o “*diálogo com o passado, com outros historiadores e com os problemas contemporâneos que o tema colocou à partida*” (LOPES: 1994, 23). Com isso, ao trabalhar a história da educação da mulher na obra de Lima Barreto, as categorias que se impuseram desde o início da pesquisa foram gênero e educação. Não de forma arbitrária, mas conforme os fatores que motivaram a escolha do tema, a criação de uma problemática e as afinidades eletivas de ordem social e étnica que aproximam o autor pesquisado com este investigador.

6. Conclusão

Os romances limianos trazem, através das personagens, a pluralidade feminina, própria de uma sociedade complexa. O triste fim de Policarpa Quaresma ressalta três figuras de mulheres com grandes diferenças. A sobrinha, Olga, influenciada pela leitura de jornal, falava em voto feminino. A camponesa, com o conhecimento considerado senso comum, consegue prever a chuva e curar doentes, deixando calado o racionalismo de Policarpo, adepto de um certo positivismo. Por último, sua própria irmã exerce o papel de censora das

excentricidades do irmão. Na casa, representa o ponto convergente da racionalidade e do bom senso. Evidencia-se que num ambiente onde a força dos homens são hegemônicas, as mulheres atuam na condição de tática. Não possuem campo próprio. Jogam no do adversário. Estão sempre à espreita de uma oportunidade conjuntural, para operar seus lances, como diria De Certeau (2002, 100-101).

Da mesma forma, Lima Barreto em suas obras aborda a questão da educação e das relações de gênero. Em *Clara dos Anjos*, por exemplo, aborda as diferenças pela ótica das relações de gêneros em que o processo educativo emerge, à medida que retoma a infância dos protagonistas, Clara dos anjos e Cassi Jones. Em suas relações como a família, as personagens vão adquirindo características de homens e mulheres, para que sejam pessoas adultas a obedecer e seguir padrões estabelecidos socialmente. Clara sempre em casa, diurtunamente, sob os olhares vigilantes da mãe, sem nenhuma perspectiva além do casamento. Cassi Jones criado com liberdade para desde cedo aprontar suas peraltices, se forma um homem indiferente aos valores morais e sempre disposto a seduzir, pela visão do narrador, mais uma ingênua moça do subúrbio. Está posto o enredo que nos instiga a descortinar as representações do narrador a respeito da condição feminina do início século XX.

Referências

- Barreto, L. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Rio de Janeiro. Ediouro. 1997.
- BARRETO, L. *Cinco mulheres*. (Org.) Daniel Piza. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1997
- _____. *Diário íntimo*, In: Vasconcellos, E. (Org.). *Prosa Seleta*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2001.
- _____. *Toda crônica*. Vol. I 1890-1919. Rio de Janeiro. Agir. 2004a.
- _____. *Toda crônica*. Vol. II 1919-1922. Rio de Janeiro. Agir. 2004b.
- De CERTEAU. M. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. 2º ed. Petrópolis. Vozes. 2002.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Vol 1. São Paulo- Brasiliense. 1985.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Pensar categorias em História da educação e Gênero*. Projeto História. São Paulo: 1994, p.19-29.
- BRANDÃO, C.R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense. 1995. (Col. Primeiros Passos: 303).
- BRANDÃO, Z. (Org.). *A crise dos paradigmas e a educação*. 7 ed. São Paulo. Cortez. 2001.(Col. Questões da nossa época; v. 35).
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo. Cultrix. 1988.
- CALADO, A J. F. *Paulo Freire: sua visão de mundo, de homem e de sociedade*. Caruaru. FAFICA. 2001.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: representação da História em Walter Benjamin*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. 2 ed. São Paulo. Companhia das Letras. 1995.
- MURARO, R.M. Ponto de mutação. In.: BOFF, L; MURARO, R.M *Feminino e masculino: Uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro. Sextante. 2002.
- BOURDIEÛ, P. *A economia das trocas simbólicas*. 5 ed. São Paulo. Perspectiva. 1998.
- LIBÂNIO, J. C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 5 ed. São Paulo. Cortez. 2002.
- HOBSBAWM, E. J. *A era dos impérios: 1875-1914*. 3 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1988.
- _____. *A era do capital: 1848-1875*. 5 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1997.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 13 ed. Rio de Janeiro. Paz e terra. 1982.
- _____. *Educação e mudança*. 15 ed. Rio de Janeiro. Paz e terra. 1989.
- ELIAS, N. *O processo civilizador: A formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro. Zahar. 1993. Vol.2.
- DURKHEIM, É. *Educação e sociologia*. Lisboa. Edições 70. 2001. (Col. Ciências do Homem).
- COSTA, E. V. da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 5. ed. São Paulo. Brasiliense. 1995.
- CERTEAU, M de. *A escrita da história*. 2º ed. Rio de Janeiro. Forence. 2000.
- SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 7 ed. Campinas. Autores Associados. 2000. (Col. Polêmicas de nosso tempo).
- LÖWI, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.